

O peso da herança passada e as esperanças do futuro

Os dois últimos séculos do segundo milênio foram eminentemente séculos do Homo-Faber, o homem que utilizou seus conhecimentos para convertê-los em instrumentos. Agora, é preciso formar um novo homem

Por Benedito Ferri de Barros

Nesta já longa marcha de 4.500.000 anos do Sapiens-sapiens, que representará para o homem o terceiro milênio? Que homem? Que milênio? Este terceiro milênio que mencionamos com tanto estardalhaço não passa de referência a um calendário provinciano do Ocidente, que pouco ou nenhum sentido tem para os povos e civilizações não-cristãs, isto é, para a imensa maioria da humanidade. Outras civilizações, outros povos, outras nações, têm calendários diferentes, mais antigos, mais remotos. Para os hindus, em cujo calendário bramânico o tempo se divide em kalpas, ou ciclos, constituídos por mil mahayugas, ou grandes eras, de 4 bilhões e 320 milhões de anos cada, o próximo primeiro de janeiro certamente não inaugurará nada de novo, nem anuncia nenhuma mudança milenarista, uma Segunda Vinda, a Parúsia, muito menos um fim apocalíptico como pode ser lido no Evangelho de São João. Para os hindus, em 2001 estaremos no ano 5103 da era Kaliyuga, a Era da Miséria, iniciada há 3103 anos a.C., da qual faltam transcorrer apenas 426.900 anos... (se meus cálculos estão certos). Vivemos na Kali yuga, a Era da Miséria da qual nos falta percorrer apenas uns 400 mil anos...

Nossa vida individual, assim como a História humana e a cosmológica são um processo contínuo inserido em processos mais amplos, aos quais propomos divisões meramente como marcos temporais que nos indiquem onde estamos, o que já caminhamos, o que nos falta caminhar – e que tempo e recursos dispomos para isso.

Convencional ou não, fortuitamente, ou não, o início do terceiro milênio ocidental parece digno, entretanto, de ser utilizado como marco de originais, inusitadas e imprevisíveis mudanças na cultura humana, na forma do homem viver na Terra e de, nela, vir a se relacionar com as coisas, os seres e seus semelhantes. Os dias correntes se afiguram não apenas para os ocidentais, mas para todo homem com alguma visão planetária, carregados de promessas e de ameaças como jamais, talvez, se anteviu na saga humana. Geia – a Terra-Mãe dos gregos, por suas manifestações climatológicas passionais, parece ela própria envolvida pelas fantásticas expectativas que rondam o futuro humano. E no ecúmeno, fatos fantásticos, como a epidemia da violência por crianças assassinas, a disseminação da droga, o terrorismo fanático, o culto da violência pelos grandes meios de comunicação também parecem prenunciar o fim e o começo de uma nova humanidade.

A idéia de Humanidade é talvez tão velha quanto o primeiro homem da primeira tribo. Mas talvez só nos dias de hoje, das ribanceiras do terceiro milênio, possamos sonhar com sua realidade. Diversamente das outras utopias em cuja realização Berdiaeff via o grande perigo para o homem, a da Humanidade como uma unidade ecumênica, pode ser posta como um alvo digno de realização para o próximo milênio.

Todos os séculos carregam o peso da herança passada e as esperanças das promessas futuras. Os dois últimos do segundo milênio de certa maneira realizaram as esperanças iniciadas com a Idade Moderna e propostas com clareza por Bacon, do que ele chamava de domínio da natureza pelo conhecimento e obediência às suas leis. Foram eminentemente séculos do Homo-Faber, o homem que utilizou seus conhecimentos para convertê-los em instrumentos, não só e não tanto para “dominar” a natureza (posto que Geia é indomável) mas também e sobretudo para dominar outros homens. Do ponto de vista humanista, estas épocas se caracterizam por um extraordinário descompasso entre o desenvolvimento tecnológico referente às coisas e uma crescente ignorância, indiferença e perda de sentido com relação ao próprio homem. A herança dos nacionalismos que se iniciam com elas termina pela bomba atômica, um

esplendor da tecnologia material e um horror supremo no relacionamento humano. Aparentemente, a derrota do nazismo e a queda do Muro de Berlim colocam um ponto final na era das utopias ideológicas.

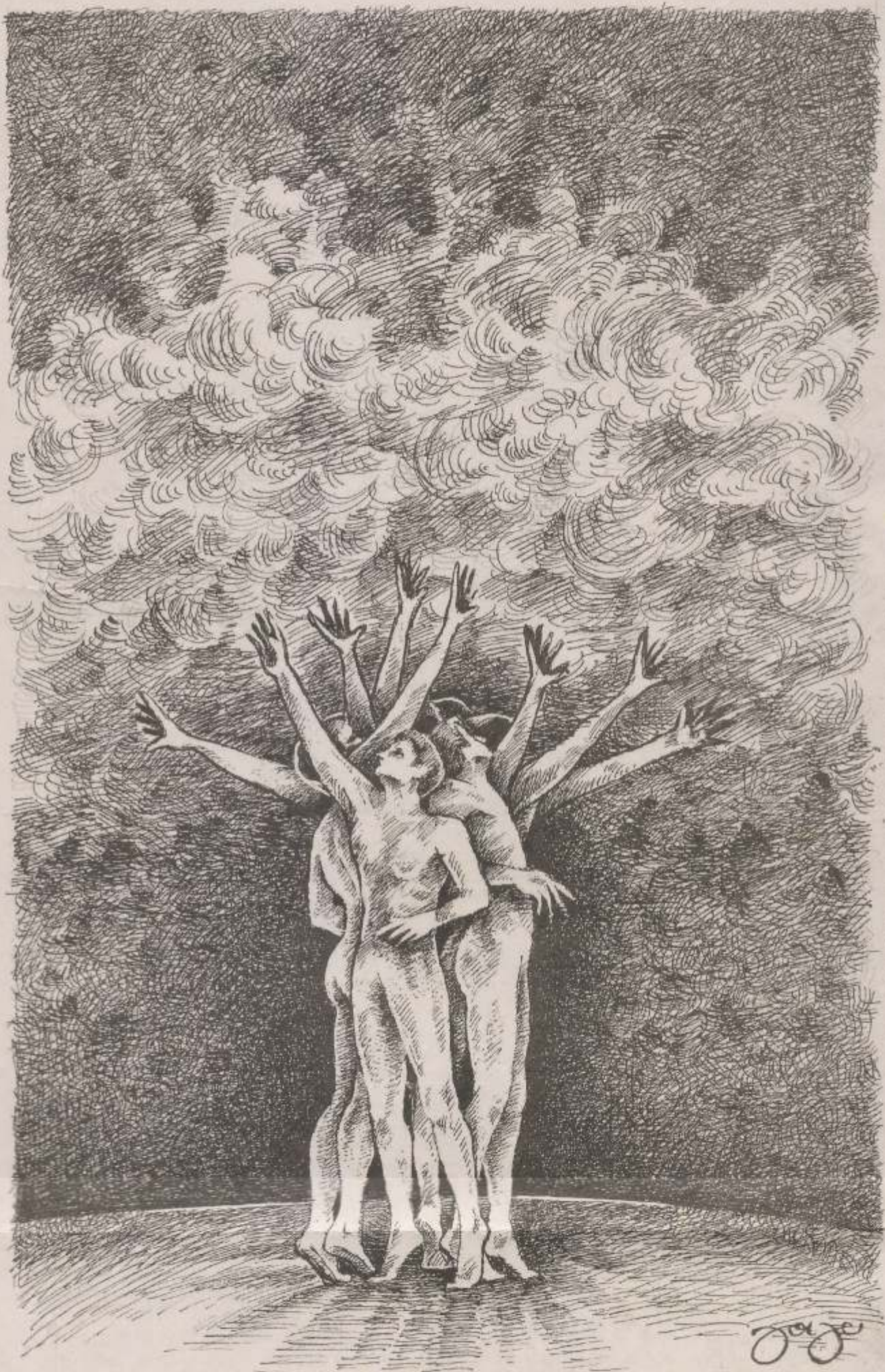
Sem liquidar, contudo, suas heranças. Na atualidade, vivemos no vácuo de uma cosmovisão, onde homens e instituições do passado sobrevivem com idéias, hábitos e práticas que foram completamente esvaziados de seus conteúdos axiológicos, tornando-se incapazes de dar um sentido à vida individual, à convivência coletiva, a um ideal humano ecumênico. Por outras palavras, o verdadeiro, o bom e o belo – únicos vetores que singularizam o homem entre os seres e podem dar um sentido humanista à vida humana – se tornaram secundários, insignificantes, descartáveis no pensar, sentir e fazer convencionais. Não que hajam perdido o sentido para os indivíduos. Pelo contrário, o homem de hoje, carente deles, os procura com inusitada intensidade em um mundo dominado pela “coisificação” desenvolvida nos séculos precedentes. E, em contraste com a anomia e a dominância sociológico-cultural evidenciada pelas estruturas, instituições e lideranças herdadas e prevaletentes, que condicionam o comportamento coletivo corrente, evidencia-se uma espontânea, universal e crescente iniciativa de indivíduos e grupos na busca e prática de bens dotados de valor espiritual.

Não colmataremos contudo em poucos séculos a carência representada por esse vácuo de valores que assola o mundo, as nações, os povos, os grupos e os indivíduos. As heranças culturais se perpetuam por servo-mecanismos habituais implantados nos circuitos neurológicos dos adultos e se transmitem como moldes culturais institucionais que formatam as novas criaturas. Esses moldes continuam dominados pela imutável herança zoológica da espécie humana desenhada no seu DNA, e se os iluministas viram com acerto que somente a educação poderia formar seres humanos dignos desse nome, os filósofos da vontade viram, com maior realismo, que o poder é a força vital suprema. Em consequência, como em todas as épocas, o “poder” continua a ser a maior força de influência social na formação e conduta dos indivíduos; e o poder nacional e individual a influência maior em todas as áreas formadoras das novas gerações humanas.

As formas pelas quais os homens pensam, sentem e agem são formatadas por sua cultura

Assim, a recuperação dos valores por uma cosmovisão humanista e ecumênica, que possa ser vista não só como alvo viável para o terceiro milênio, mas como a única compatível com a cultura material-tecnológica já alcançada pelo homem para a realização do sonho original e comum de uma só Humanidade, parece um sonho tão difícil e remoto como quando foi sonhado pelo homem pela primeira vez. É absurdo pensar-se em extirpar do cérebro humano o sistema límbico e outras formações mais primitivas, onde se radicam seus instintos e de onde provém sua força vital. E a mais avançada ficção da engenharia genética ainda não anteviu a possibilidade de implantar nas regiões corticais, onde elas parecem residir, as funções nobres que comandam o reconhecimento e operação dos valores. Assim, como desde o início, a *emendatione* humana não parece dispor de outro instrumento de ser não a educação inspirada pelos valores do espírito. Mas a própria educação atual, calcificada pela “coisificação” que dominou a cultura européia hegemônica dos dois últimos séculos, parece, ela própria, despojada de valores, anêmica, anômica, desprovida de direção e da capacidade de definir limites e, portanto, de formar um novo homem (“é proibido proibir”).

Aparentemente, vivemos o esgotamento da cosmovisão que nos dois últimos milênios, sumariando a herança histórico-cultural humana, dirigiu hegemonicamente o avanço da civilização. Fora necessária a vinda de um homem-deus para encerrar o ciclo do império romano e reiterar a boa nova do velho sonho de uma possível Humanidade pelo caminho do amor. Mais alguns séculos foram necessários, contudo, para se sepultar nas fossas dos subúrbios romanos, juntamente com os cadáveres de animais e homens sacrificados no holocausto sado-masoquista dos espetáculos circenses, um politeísmo que exprimia divisão e distanciamento dos valores humanistas.



A nova cosmovisão revelou-se, contudo, um produto sincrético, cujos componentes antagonísticos, greco-romano-judaico-cristãos, não cessaram nestes dois mil anos de colidir entre si, atormentando o espírito humano em seus esforços para harmonizá-los e realizar a paz entre os homens e o paraíso terrestre. Como conseguiu quando o amor e o conhecimento eram estigmatizados como o pecado original a ser expiado em um vale de lágrimas regido pela onipresença, consciência e onipotência de um deus cujos desígnios se encerravam em si próprios como inescrutáveis? As antinomias dessa cosmovisão se desdobram durante estes dois mil anos dando seus frutos em todos os setores do pensamento e da ação humanos, e, de Santo Agostinho a Nietzsche, o derradeiro martir do espírito cristão, não cessaram de fomentar ou malestar, “la mauvaise conscience”, a intolerância, a rejeição e a violência dos homens, dentro deles próprios e contra os demais. Da metade deste milênio para cá esta cosmovisão, ao mesmo tempo que fundamentava o desenvolvimento da hegemonia político-cultural ocidental sobre o orbe, iniciava, com a Reforma e o Renascimento, seu processo de esgotamento e dissolução internos.

Lançar vistas sobre milênios é um exercício petulante, temerário e vertiginoso. Para quem o faz e para quem o lê. Ao aceitarmos o convite para este trabalho só nos atrevemos a ensaiar esta síntese genérica e abstrata por virtuosos, há decênios, nos dedicando a análises anteriormente publicadas. Temos que tratar a História com conceitos de dimensão astronômica capazes de abranger os zilhões de galáxias do universo dos fatos humanos, envolvendo-os nas rarefeitas nebulosas de nosso conhecimento e de nossa linguagem. Tal é o conceito de cosmovisão que temos utilizado para tentar traçar um quadro de como vemos os milênios passados e, como um índio, usando a mão do pensamento como viseira, tentar discernir os contornos de uma miragem que ainda mal se delineia nos horizontes do tempo.

As formas pelas quais os homens pensam, sentem e agem são formatadas por sua cultura, isto é, a soma das experiências que, selecionadas pela História, acabam aceitas pelas sociedades, povos e nações, como maneira de viver. Assim definida, a cultura é uma exclusivida-

de humana, algo singular no Cosmos, de uma natureza que não é nem física nem biológica, nem das coisas nem dos seres, mas que modela as coisas, os seres e os próprios homens, criando um hábitat que, à falta de melhor designação, poderíamos chamar de espiritual. É um fato adquirido pelos estudos da sociologia e da antropologia, que há uma afinidade, um parentesco, um nexo entre os infinitos traços de uma cultura, que a integram como uma entidade orgânica. Como se ela fosse configurada, projetada e regida pela definição prévia de alguns vetores dirigentes que comandam sua fisionomia e seu espírito.

Evidencia-se uma espontânea iniciativa de indivíduos e grupos na busca e prática de bens dotados de valor espiritual

A esse conjunto de vetores, pode-se chamar de cosmovisão. A cosmovisão, que comanda a cultura, e, portanto, a forma pela qual o homem modela sua compreensão, sua sensibilidade e seu comportamento, estabelece as formas de relacionamento do homem consigo próprio, com seus semelhantes, com os seres, as coisas, o universo em geral. E, ao modelar assim o espírito humano, modela sua sociedade e sua história. O que a cosmovisão modela, ao modelar o espírito, é modelar seus valores lógicos, éticos e estéticos. E aqui, o essencial a ter presente, é que, a despeito das diferentes versões étnico-culturais que essa modelagem possa assumir, ela só poderá adquirir universalidade e ecumenismo se não colidir com o formato básico biológico universalmente inscrito de forma irrasurável no DNA humano.

Ignora-se como se originam as cosmovisões. Sabe-se que elas se definem como o germe primordial das culturas. A bíblia nos sugere com Moisés e as “12 Tábuas da Lei” uma versão de como isto pode se dar. E MacLuhan, ao descrever a galáxia de Gutenberg, esboça uma intuição de como possa ter tido início a versão leiga da cosmovisão ocidental já fraturada no seu conjunto de valores. É possível que, como nesses casos, novas cosmovisões sejam provocadas por fatores e climas culturais os mais diversos e que uma multiplicida-

de de acasos se cristalize na possibilidade de uma nova forma de ver tudo de novo. Assim deva ter acontecido quando as numerosas descobertas e práticas que viabilizaram a agricultura deram origem, nos tempos pré-homéricos, aos deuses do Olimpo.

E assim pode estar acontecendo desde que o transistor viabilizou a digitalização eletrônica, que criou com os bits uma linguagem franca para o pensamento e a ação humanos em escala ecumênica. Pela primeira vez na história do homem o sonho de uma Humanidade encontra um instrumento capaz de transcender os limites do espaço, do tempo, das culturas, das línguas, das nações, das políticas, das economias, para criar um novo hábitat e um novo universo cultural – a “Bitsfera”, habitada pelos “netcitizens”. Esse ecumenismo, já viabilizado e operado por uma escassa minoria de algumas dezenas de milhões, dentro de uma população de seis bilhões de seres humanos, implica uma cosmovisão nova cujo único denominador comum é a comunidade de valores lógicos, éticos e estéticos compartilhada pela espécie humana.

Neste, como nos casos anteriores, a cosmovisão humanista da “bitsfera” não se implantará sem a prévia liquidação dos resíduos da herança cultural das cosmovisões hoje existentes. Pelo simples fato de que os humanos que ingressam no universo “bitsférico” levam para ele a formação mental e de comportamento adquiridos e porque a gigantesca galáxia dos zilhões de traços de sensibilidade, pensamento e ação sedimentados nas instituições herdadas continuam a ser a infraestrutura real do mundo em que vivemos.

Diante do que o terceiro milênio encara um processo que, como as anteriores substituições de cosmovisão, demandará séculos de atrito e conflitos, cuja amplitude e gravidade podem superar de muito todos os registros históricos existentes, pois, agora, não se trata apenas de mesclar cosmovisões culturais históricas mas de encontrar uma conciliação permanente e universal para as numerosas antinomias existentes na ambígua natureza do homem como espécie animal e como ser do espírito.

Benedito Ferri de Barros é membro da Academia Paulista de Letras e da Academia Internacional de Direito e Economia